

Tradução

Revolução na China e na Europa¹

Karl Marx

Londres, 14 de junho de 1853²

O mais profundo especulador, ainda que fantasioso, dos princípios que dirigem os movimentos da humanidade³ estava acostumado a exaltar como um dos segredos regentes da natureza o que ele chamou de lei da atração dos opostos. O singelo provérbio “os opostos se atraem” era, em seu ponto de vista, uma grande e potente verdade em todas as esferas da vida; um axioma que o filósofo não poderia dispensar, tal qual não poderia o astrônomo as leis de Kepler ou a grande descoberta de Newton.

Se a “atração dos opostos” é um princípio tão universal ou não, um notável exemplo pode ser visto no efeito que a revolução chinesa parece ser suscetível de exercer sobre o mundo civilizado. Pode parecer muito estranha e paradoxal a afirmação segundo a qual o próximo levante do povo da Europa, seu próximo movimento pela liberdade republicana e pela contenção dos gastos do governo talvez dependa mais do que está ocorrendo agora no Império Celestial – extremo oposto da Europa – do que de qualquer outra causa política existente no momento, mais ainda do que as ameaças da Rússia e a conseqüente perspectiva de guerra geral na Europa. Mas isto não é um paradoxo, como todos são capazes de compreender, considerando atentamente as circunstâncias do caso.

Quaisquer que sejam as causas sociais, quaisquer que sejam as formas religiosas, dinásticas ou nacionais que porventura assumam, elas levam às rebeliões crônicas que subsistem na China há 10 anos, e agora essas rebeliões se congregam em uma revolução formidável. O motivo desse surto tem sido, sem dúvida, proporcionado pelo canhão inglês, que impõe à China

¹ A presente tradução tomou como referência a edição em inglês das obras reunidas de Marx e Engels (MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Marx and Engels: Collected Works*. Londres: Lawrence and Wishart, 2010, v. XII, pp. 93-100). Tradução de Carolina Peters e Murilo Leite Pereira Neto. Revisão técnica de Vitor Bartoletti Sartori e Elcemir Paço Cunha. [Nota dos tradutores – NT]

² Este artigo foi escrito entre 20 e 21 de maio de 1853, publicado pela primeira vez no periódico americano *New York Daily Tribune*, em 14 de junho daquele mesmo ano. Marx foi colaborador do aludido jornal por mais de 10 anos (1848-1862), somando sozinho cerca de 350 artigos, nos quais versava sobre as eleições para o parlamento britânico, livre comércio, questões acerca da China, da Índia e da Rússia e a escravidão nos Estados Unidos da América, entre outros. [NT]

³ G. W. F. Hegel. [Nota dos Editores – NE]

a soporífera droga chamada ópio⁴. Diante do exército britânico, a autoridade da dinastia Manchu se despedaçou; a fé supersticiosa na eternidade do Império Celestial desmoronou; o bárbaro e hermético isolamento diante do mundo civilizado foi violado; e uma abertura foi feita com vistas ao intercâmbio que, desde então, seguiu-se sob o estímulo do ouro da Califórnia e da Austrália⁵. Ao mesmo tempo, a moeda de prata do Império, seu sangue, sua seiva [*lifeblood*] começaram a ser drenados para as Índias Orientais Britânicas.

Até 1830, estando a balança comercial continuamente favorável aos chineses, havia importação ininterrupta de prata da Índia, da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos para a China. Desde 1833, e especialmente desde 1840, a exportação de prata da China para a Índia tornou-se quase insuportável para o Império Celestial. Daí, os fortes decretos do imperador contra o comércio de ópio, respondidos por uma ainda mais forte resistência às suas medidas. Além dessa consequência econômica imediata, o suborno relacionado ao contrabando de ópio desmoralizou completamente os oficiais do estado chinês nas províncias do Sul. Assim como o imperador estava acostumado a ser considerado o pai de toda a China, os seus oficiais eram encarados como sustentáculo da relação paternal nos seus respectivos distritos. Mas essa autoridade patriarcal, a única ligação moral a abraçar a grande maquinaria do estado, vem sendo gradualmente corroída pela corrupção daqueles oficiais, que obtiveram grandes ganhos com o contrabando de ópio. Isso ocorreu, principalmente, nas mesmas províncias do Sul onde a rebelião começou. É quase desnecessário observar que, na mesma medida em que o ópio obteve a soberania sobre os chineses, o imperador e seu séquito de mandarins pedantes ficaram despojados da sua própria soberania. É como se a história tivesse primeiro de embebedar todo esse povo antes de poder arrancá-lo de sua estupidez hereditária.

Embora quase inexistente em épocas anteriores, a importação de algodão inglês e a ainda menor importação de lãs inglesas tem aumentado rapidamente desde 1833, época em que o monopólio do comércio com a

⁴ Referência à Guerra Anglo-Chinesa de 1840-1842, conhecida como a I Guerra do Ópio. Teve início com o confisco de estoques de ópio dos mercadores estrangeiros pelas autoridades chinesas. Como resultado da Guerra, os britânicos impuseram à China o Tratado de Nanquim, em 1842, o primeiro de uma série de tratados concluídos pelos poderes ocidentais com a China e que a reduziram ao nível de uma semicolônia. O Tratado de Nanquim fez com que a China abrisse cinco de seus portos ao comércio britânico (Cantão, Xangai, Xiamen, Liampó, Fuzhou), cedesse a ilha de Hong Kong à Grã-Bretanha “perpetuamente” e pagasse uma grande indenização. Em 1843, foi assinado um tratado suplementar por meio do qual a extraterritorialidade foi assegurada aos estrangeiros na China. Em 1844, tratados similares foram também assinados pelos Estados Unidos e França com a China. [NE]

⁵ Fartos depósitos de ouro foram descobertos na Califórnia, em 1848, e na Austrália, em 1851. Essas descobertas tiveram grande importância no desenvolvimento dos estados europeus e americanos. [NE]

China foi transferido da Companhia das Índias Orientais para o comércio privado, e em uma escala muito maior desde 1840, época em que outras nações, especialmente a nossa, também obtiveram uma fatia do mercado chinês. Essa introdução de manufaturados estrangeiros teve na indústria nativa efeito similar àquele que anteriormente teve na Ásia Menor, Pérsia e Índia. Na China, os fiandeiros e tecelões sofreram enormemente com a competição estrangeira e a comunidade se tornou instável na mesma proporção.

Os tributos a serem pagos para a Inglaterra depois da lamentável guerra de 1840, o grande consumo improdutivo de ópio, o escoamento dos metais preciosos devido a esse comércio, a destrutiva influência da competição internacional sobre as manufaturas nativas e a desmoralização da administração pública produziram duas coisas: a velha taxação se tornou mais onerosa e assediadora e uma nova taxação foi acrescida à antiga. Por isso, em um decreto do imperador⁶, datado de 5 de janeiro de 1853, em Pequim, encontramos as ordens dadas aos vice-reis e governadores das províncias sulistas de Wuchang e Hang Yang para perdoar e adiar o pagamento dos impostos e, especialmente, em nenhum caso exigir mais do que a quantia habitual; caso contrário, diz o decreto, “como o povo pobre seria capaz de suportá-lo?”. Continua o imperador: “E assim, talvez, o meu povo será, em um período de dificuldade e sofrimento, isento dos males de ser perseguido e atormentado pelos cobradores de impostos”⁷.

Tal linguagem e tais concessões, lembramo-nos de tê-las ouvido na Áustria, a China da Alemanha, em 1848.

Todos esses agentes de dissolução, que atuaram juntos sobre as finanças, a moral, a indústria e a estrutura política da China, alcançaram o seu pleno desenvolvimento sob o canhão inglês, em 1840, que dissolveu a autoridade do imperador e forçou o Império Celestial a entrar em contato com o mundo terreno. O isolamento completo foi a condição primordial para a preservação da Velha China. Com o fim do isolamento violentamente conduzido pela Inglaterra, a sua dissolução deve se seguir tão certa quanto a de uma múmia cuidadosamente preservada em um sarcófago hermeticamente fechado assim que é posta em contato com o ar. Agora, tendo a Inglaterra levado à revolução da China, a questão é como esta revolução irá, com o tempo, repercutir na Inglaterra e, por meio da Inglaterra, na Europa. Essa questão não é de difícil solução.

A atenção de nossos leitores tem sido frequentemente voltada ao crescimento sem igual das manufaturas britânicas desde 1850. Em meio à mais surpreendente prosperidade, não tem sido difícil apontar os evidentes

⁶ Xianfeng, oitavo imperador da Dinastia Manchu, reinou sobre a China entre 1851 e 1861. [NTB]

⁷ Retirado do artigo China, *The Economist*, n. 505, 30 de abril de 1853. [NE]

sintomas de uma crise industrial que se aproxima. Não obstante a Califórnia e a Austrália, não obstante a imigração imensa e sem precedentes, deve sempre, sem qualquer acidente particular, no tempo devido, chegar o momento em que a extensão dos mercados é incapaz de acompanhar a extensão das manufaturas britânicas, e essa desproporção deve trazer uma nova crise com a mesma certeza que o fez no passado. Mas, se um dos grandes mercados de repente se contrai, a chegada da crise é, assim, necessariamente acelerada. Agora, a rebelião chinesa deve por ora ter precisamente este efeito sobre a Inglaterra. A necessidade de abertura de novos mercados ou o crescimento dos antigos foi uma das principais causas da redução dos tributos ingleses sobre o chá, de forma que, com o crescimento da importação do chá, era esperado um crescimento da exportação de manufaturas para a China. Agora, o valor anual das exportações do Reino Unido para a China somou, antes da revogação, em 1833, do acordo de monopólio da Companhia das Índias Orientais, apenas £ 600.000; em 1836, alcançou a soma de £ 1.326.388; em 1845, subiu para £ 2.394.827; em 1852, a soma foi próxima de £ 3.000.000. A quantidade de chá importado da China não excedeu, em 1793, 16.167.331 lb; mas, em 1845, chegou a 50.714.657 lb; em 1846, a 57.584.561 lb, e está hoje acima das 60.000.000 lb.

A colheita do chá da última safra não será inferior, como já demonstrado pelas listas de exportação de Xangai, 2.000.000 lb acima do ano anterior. Compreende-se esse excesso por duas circunstâncias: por um lado, o estado do mercado próximo a 1851 era de bastante depressão, fazendo que grande parte do estoque excedente fosse arremessado para a exportação de 1852. Por outro lado, as recentes modificações da legislação britânica, alterada no que diz respeito às importações de chá que atingiram a China, levaram adiante, a preços bastante valorizados, todo o chá disponível para um mercado receptivo. Mas, com relação à próxima colheita, o caso fica muito diferente. Isso é demonstrado pelos seguintes excertos da correspondência de uma grande firma de chá de Londres:

Em Xangai, o terror é extremo. O ouro subiu 25%, *sendo avidamente procurado para o entesouramento*, a prata por enquanto está desaparecida de forma que não pode ser obtida para pagar as obrigações da China com os navios britânicos, que requerem autorização no porto; como consequência, o Sr. Alcock consentiu em se tornar responsável junto às autoridades chinesas pelo pagamento dessas obrigações, recebendo contas da Companhia das Índias Orientais ou outras garantias aprovadas. *A escassez dos metais preciosos é um dos mais desfavoráveis traços quando se tem em perspectiva o futuro imediato do comércio, visto que essa abstração ocorre precisamente em um período em que seu uso é mais necessário para permitir aos compradores de chá e seda ir ao interior e efetuar suas compras, pelas quais uma grande parte do ouro é paga adiantada,*

permitindo aos produtores prosseguir suas operações... Nessa época do ano é comum começar a fazer os preparativos para os novos chás, contudo, no momento, nada é dito sobre isso a não ser as formas de proteger pessoa e propriedade, todas as negociações estão paradas... Se não são aplicados os meios para assegurar as folhas em abril e maio, a primeira colheita, que inclui todas as mais refinadas variedades de chá, tanto o preto como o verde, estarão tão perdidas quanto o trigo não colhido no Natal.⁸

Agora, os meios para assegurar as folhas de chá certamente não serão dados pelas esquadras inglesa, americana ou francesa, estacionadas nos mares chineses, mas essas podem facilmente, caso interfiram, produzir igualmente complicações, como a interrupção de todas as transações entre o interior produtor do chá e os portos marítimos que o exportam. Assim, para a presente safra, um aumento nos preços deve ser esperado – a especulação já começou em Londres –, e para a próxima safra um grande déficit é certo. Isso não é tudo. Os chineses, preparados como estão, como todos os povos em períodos de convulsão revolucionária, para vender aos estrangeiros todo o volume de *commodities* que têm em mãos, vão, como é o costume oriental, na expectativa de grandes mudanças, entesourar, não aceitando nada em troca de seu chá e seda a não ser dinheiro bruto. Sendo assim, a Inglaterra deve esperar um aumento no preço de um dos seus principais artigos de consumo, um escoamento de metais preciosos e uma grande retração de um importante mercado para seus produtos de algodão e lã. Mesmo *The Economist*, aquele conjurador otimista de tudo que ameace as mentes tranquilas da comunidade mercantil, está compelido a se expressar da seguinte forma: “Nós não devemos nos iludir, julgando um mercado como extenso em razão da exportação para a China... O mais provável é que nosso acordo de exportação com a China sofra e que haja redução da demanda pela produção de Manchester e Glasgow.”

Não se deve esquecer de que a alta do preço de um artigo tão indispensável quanto o chá e a retração de um mercado tão importante quanto o chinês coincidirá com a colheita deficitária na Europa ocidental e, portanto, com a alta dos preços da carne, do milho e de todo o resto da produção agrícola. Daí a contração dos mercados para manufaturas, porque cada alta nos preços de produtos de primeira necessidade é contrabalanceada, nacionalmente ou no exterior, por uma correspondente redução na demanda por manufaturas. De toda parte da Grã-Bretanha foram recebidas queixas sobre a situação de atraso da maioria das colheitas.

Sobre o assunto, diz *The Economist*:

⁸ Aqui e abaixo, as citações são do artigo China and the Tea Trade, *The Economist*, n. 508, 21 de maio de 1853. [NE]

No sul da Inglaterra, não somente muita terra restará não semeada, até que seja tarde demais para qualquer colheita, como boa parte da terra semeada se mostrará inadequada ou, de alguma forma, em mau estado para o cultivo do milho. Nos solos irrigados ou pobres, destinados ao trigo, há sinais aparentes de prejuízo em curso. O período para o plantio da beterraba forrageira pode agora se dar por terminado, e pouco foi plantado, ao passo que o período de preparo da terra para o nabo está passando rapidamente sem que nenhum preparo adequado para essa importante colheita tenha sido terminado... A semeadura de aveia sofreu muita interferência da neve e da chuva. Pouca aveia foi semeada cedo, e as aveias semeadas tardiamente dificilmente produzem uma safra grande... Em vários distritos, as perdas entre as criações foram significativas.⁹

O preço de outros produtos agrícolas, com exceção do milho, está entre 20% e 30%, ou mesmo 50%, mais alto que no último ano. No continente, o milho subiu comparativamente mais que na Inglaterra. Na Bélgica e na Holanda, o centeio subiu 100%. O trigo e outros grãos seguem essa tendência.

Sob essas circunstâncias e na medida em que a maior parte do ciclo comercial regular já foi completamente percorrido pelo comércio britânico, pode-se tranquilamente prever que a revolução chinesa lançará uma centelha na sobrecarregada mina do sistema industrial presente e causará a explosão da crise geral longamente preparada. Essa crise, disseminada internacionalmente, será seguida de perto por revoluções políticas no continente. Seria um espetáculo curioso o da China enviando a desordem ao mundo ocidental enquanto os poderes ocidentais, por meio dos navios de guerra ingleses, franceses e estadunidenses [*American*], enviam “ordem” a Xangai, Nanquim e à foz do grande canal. Será que esses poderes, mercadores da ordem, dispostos a apoiar a vacilante dinastia Manchu, esquecem que a aversão aos estrangeiros e sua exclusão do Império, a princípio um mero resultado da situação geográfica e etnográfica da China, tornou-se um sistema político apenas após a conquista do país pela raça do tártaro Manchu¹⁰? Não há dúvida de que os turbulentos atritos entre as nações europeias, que em fins do século XVII rivalizaram umas com as outras nas negociações com a China, prestaram uma ajuda poderosa à política excludente adotada pelos Manchus. Contudo, não somente isso, essa política foi conduzida devido ao medo, sentido pela nova dinastia, de que os estrangeiros pudessem favorecer, entre uma grande parte dos

⁹ Backwardness of the season, *The Economist*, n. 507, 14 de maio de 1853. [NE]

¹⁰ No início do século XVII, a China foi ameaçada pelas tribos manchu unificadas (conhecida entre os mongóis como tártaros, nome de uma tribo mongol no Nordeste da Mongólia e Manchúria na época da formação do Império de Gêngis Khan, no início do século XIII). A invasão dos manchus levou ao governo da dinastia Qing no país (1644-1912), que constantemente despertou a ira e oposição do povo chinês. [NE]

chineses, o descontentamento já existente desde a sujeição aos tártaros, durante o primeiro meio século ou em torno disso. A partir dessas considerações, então, os estrangeiros foram proibidos de qualquer comunicação com os chineses, exceto via Cantão, uma cidade a grande distância de Pequim e dos distritos produtores de chá, e seu comércio foi restrito a relações com os mercadores Hong¹¹, licenciados expressamente pelo governo para negociar com estrangeiros, de forma a apartar os demais súditos de qualquer conexão com os odiosos forasteiros. De todo modo, uma interferência de parte dos governos ocidentais neste momento serve somente para tornar a revolução mais violenta e prolongar a estagnação do comércio.

Ao mesmo tempo, deve ser observado, em relação à Índia, que o governo britânico nesse país tem um sétimo de sua receita inteiramente dependente da venda de ópio para os chineses, enquanto parcela significativa da demanda indiana por manufaturados britânicos depende da produção desse mesmo ópio na Índia. Os chineses, é verdade, estão tão suscetíveis a renunciar ao uso do ópio quanto os alemães a renegar o tabaco. Mas, como o novo imperador é reconhecidamente favorável à cultura da papoula e à preparação do ópio na própria China, é evidente que é bem provável acontecer um golpe mortal, a qualquer momento, nos negócios de cultivo de ópio na Índia, na receita indiana e nos recursos comerciais do Hindustão. Ainda que esse impacto não seja imediatamente sentido pelos interesses em jogo, ele efetivamente deve operar no tempo devido, podendo intensificar e prolongar a crise financeira geral, cujo esquema nós elencamos acima.

Desde o início do século XVIII, não houve nenhuma grande revolução na Europa que não tenha sido precedida por uma crise financeira e comercial. Isso se aplica tanto à Revolução de 1789 quanto à de 1848. É fato que não apenas contemplamos todos os dias mais sintomas ameaçadores do conflito entre as forças dominantes e seus subordinados, entre o estado e a sociedade, entre as diferentes classes; mas também o conflito dos poderes existentes entre si, que gradualmente alcança aquele momento em que a espada deve ser desembainhada, e a *ultima ratio* dos príncipes é convocada. Nas capitais europeias, cada dia chegam despachos que anunciam a guerra geral, desaparecendo sob os despachos do dia seguinte, que prolongam a certeza de paz por uma semana ou mais. Nós podemos estar certos, contudo, de que, por mais que se aprofunde o conflito entre os poderes europeus, por mais ameaçador que pareça o horizonte da diplomacia, por mais que

¹¹ Hong – uma corporação privilegiada de mercadores fundada na China em 1721, cujos membros, pagando uma grande taxa de entrada ao Tesouro, obtiveram monopólio do comércio com os estrangeiros. Foram dissolvidos após a conclusão do Tratado de Nanquim. [NE]

movimentos sejam tentados por frações entusiasmadas neste ou naquele país, a raiva dos príncipes e a fúria do povo são similarmente enfraquecidas pelo sopro de prosperidade. Nem guerras nem revoluções têm potencial de deixar a Europa de joelhos a não ser em consequência de uma crise comercial e industrial generalizada, cujo sinal deve, como de hábito, ser dado pela Inglaterra, a representante da indústria europeia no mercado mundial.

É desnecessário duelar sobre as consequências políticas que tal crise deve produzir nesses tempos de extensão sem precedentes das fábricas na Inglaterra, de completa dissolução de seus partidos oficiais, de toda maquinaria estatal da França transformada em um imenso caso de barganha e especulação , em que a Áustria se encontra às vésperas da bancarrota, dos erros acumulados por toda parte a serem vingados pelo povo, do conflito de interesses dos próprios poderes reacionários e do sonho russo da conquista, mais uma vez revelado ao mundo.

Recebido: 22 de dezembro de 2016

Aprovado: 24 de fevereiro de 2017